

ESTÁGIO CURRICULAR EM ARTES VISUAIS: O DESAFIO DE ABRIR JANELAS

Silva, Lucinéia Chamorro e¹, Pavan, Vivian Ávila², Oliveira, Ronaldo Alexandre de³,

¹Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Arte Visual/

²Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Arte Visual/

³Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Arte Visual /roliv1@uol.com.br

Resumo- Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir dados advindos de uma pesquisa, que teve o espaço do estágio curricular como o campo da investigação. A prática do estágio curricular em Educação Artística /Arte Visual foi desenvolvida em duas 6^{as} séries do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Londrina/ PR, com um total de 70 alunos. Concebe-se aqui o estágio, enquanto campo de construção do conhecimento e aprendizagem a partir da realidade escolar para nela interferir. Os dados nos mostram uma realidade escolar comprometida, tanto na sua estrutura física, relação professor/aluno. Ainda assim, percebermos ser possível intervir na realidade escolar e propor atividades do fazer e apreciar arte de forma significativa. Vivenciamos nesta pesquisa/experiência do estágio, que é preciso sair do conforto/desconforto do lugar comum e abrir janelas, rumo a uma relação diferenciada de professor e aluno em prol de uma educação com mais qualidade.

Palavras-chave: Estágio Curricular, Ensino e Aprendizagem, Pesquisa, Artes Visuais.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Educação)

Introdução

“O desenvolvimento do pensamento crítico deve se usado para permitir que os alunos se apropriem de suas histórias, indagando em suas próprias biografias e sistemas de significados para aprender sobre as forças que restringem suas vidas, entre as quais pode estar o mundo da arte, como parte do universo simbólico compartilhado.”

Terezinha Suely Franz

O estágio curricular obrigatório impõe desafios, colocando-nos em situação de alerta, de questionamentos, pois é o momento da prática, momento este de sairmos da universidade e irmos para o espaço da escola, por vezes idealizado, mal visto e muitas vezes indesejado. É neste contexto e com esta carga de representações que somos “convidados” a iniciar no ofício de professor, ofício de professoras, onde teremos como incumbência pensar na transposição didática, transformar aquilo que estamos aprendendo na graduação em planejamento, em aulas. A fórmula idealizada do professor criativo em tempo integral parece cair por terra. Oliveira de Oliveira (2005) ensina que o estágio proporciona tecer uma rede de relações com o objetivo de compreender a realidade e ultrapassá-la. Por outro lado, Freire (1996) diz que é preciso um olhar curioso, pesquisador, para interpretar os significados lidos. Assim também nos ensina Lima (s/d) que observa que precisamos nos aproximar da realidade escolar, para que tenhamos envolvimento e faça sentido a relação que iremos estabelecer com o universo da escola, espaço

muitas vezes desconhecido pelos próprios estudantes/estagiários. Até parece, que não passamos por aqueles bancos escolares, que não vivenciamos a dinâmica da escola, sua organização. Só aí é que nos damos conta da mudança de lugar, de perspectiva: estivemos lá enquanto alunos (as) e, no tempo do estágio, lá estamos enquanto aprendizes de professoras, tendo à nossa frente os “*pares de olhos*” que nos olham, indagam, intrigam, olhos que nos pedem. O estágio impõe desafios, o enfrentamento da sala de aula e os muitos pares de olhos, corações e mentes, parecem nos dizer algo que não sabemos ler ainda. Temos que ser perspicazes, saber lê-los, no sentido mais amplo que esta palavra possa significar, para elaborarmos intervenções que façam sentido, que sejam realmente significativas. Falando assim, parece fácil, afinal já passamos por isso, já estivemos ali sentados, mas aí vemos que aquela fórmula perfeita do professor criativo em tempo integral cair por terra. Oliveira de Oliveira (2005), observa que “o estágio curricular é a disciplina que permite aos alunos de licenciatura a apropriação de instrumentos teórico-metodológicos para atuação no ambiente escolar.” (2005, p. 507) Acreditamos que foi o olhar ampliado, saindo da superfície, que nos fez observar o entorno e propor o “*abrir da janela*”.

Materiais e Métodos

A pesquisa foi desenvolvida no período do estágio obrigatório (5º semestre da graduação), proposto pela Universidade Estadual de Londrina para o curso de Educação Artística/Arte Visual, no Colégio Estadual Hugo Simas, de Londrina/PR. A escola tem 70 anos e foi a primeira a ser erguida na cidade. Hoje o colégio conta com 1,8 mil alunos, da primeira série do ensino fundamental até a terceira série do ensino médio. Para efeito de análise trabalhamos com os dados advindos de duas turmas de 6ª série (C e D), perfazendo um total de 70 alunos. Os sujeitos são pré-adolescentes com idades entre 12 e 14 anos. O período do estágio/pesquisa neste momento foi de 34 horas, sendo 14 horas dedicadas à observação e 20 horas de regência, com aulas duas vezes por semana por um tempo de cinquenta minutos. Para análise, nesta investigação, utilizamos as observações, relatórios de estágio, planejamento das aulas e os registros da prática docente.

Resultados e Discussão

O período do estágio de 34 horas, que compreende o tempo desta pesquisa, foi desenvolvido entre tempo de observação e regência. Iniciamos com as 14 horas de observação em duas turmas de 6ª. Série. Passados os momentos iniciais de adaptação ao local, aprendemos que observar vai muito além de anotar procedimentos da professora titular, mas sim, ver e refletir as maneiras como organiza seu tempo e trabalha com os conteúdos a área de artes visuais. Como distribuir tudo que planejou nos 50 minutos de aula: fazer a chamada; passar o conteúdo e as propostas de exercícios a serem feitos em sala; olhar cadernos; recolher trabalhos, passar a tarefa de casa e, ainda, administrar o barulho intenso da garotada, num prédio que, por problemas na estrutura física, dificulta, não convida ao ofício de ensinar e aprender.

Vemos, logo, que é preciso sair desse lugar tranqüilo de observador pacífico e **ampliar o olhar**. Madalena Freire diz com propriedade que “Só podemos olhar o outro e sua história, se temos conosco mesmo uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história.” (1996, p. 10) Freire acredita que o aprendizado do olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Este olhar e escuta, diz ela,

envolvem uma AÇÃO altamente movimentada, reflexiva, estudiosa.

Estas questões postas por Freire (1996), tornam-se mais evidentes no momento da prática, com a regência (neste período do curso são 20 horas de trabalho). É quando teoria e prática formam um conjunto e temos que pensar numa **práxis artística**, que vai além do aprendido no curso universitário, nas aulas de História, Crítica e teorias da arte; do tempo do fazer artístico como estudantes, onde buscamos e descobrimos nossas poéticas individuais que vão além de todas as teorias e práticas juntas. Temos, que conhecer o nosso público alvo e pensar em formas e estratégias adequadas para fazer com que cada um dos alunos com os quais iremos estar descubra, também, suas poéticas, suas visões e impressões do mundo e mostre isto por meio da arte. Parece-nos aqui que a metodologia do ensino poderia ser o espaço para a sistematização entre aquilo que vemos e aquilo que planejamos, mas, às vezes, a realidade é mais dinâmica e aí é preciso repensar cada encontro, cada aula, para que possamos saber intervir.

Aqui vale o ensinamento de Maria Socorro Lucena Lima que diz que “Aproximar-se da realidade tem sentido quando tem a conotação de ‘envolvimento’ com intencionalidade, de ver, com o olhar pedagógico de que fala Madalena Freire, e de ver fundo, ver largo e ver claro, em profundidade e abrangência como diz a educadora Terezinha Rios, para poder fazer uma intervenção reflexiva, um olhar ético, que é a reflexão crítica sobre um jeito de ser.” (LIMA, p. 68). Oliveira de Oliveira acrescenta, sobre esse aspecto, que é preciso encarar o estágio com uma atitude investigativa de muita reflexão. É preciso assumilo, acredita, como uma real intervenção no novo espaço de atuação, a escola.

JANELAS FECHADAS: Entre as muitas lições apreendidas nas duas fases – observação e regência -, constatamos que *dominar o conteúdo e elaborar um planejamento que reflita uma atuação/ação dinâmica* na sala de aula são aspectos fundamentais, entre outros, para um estagiário em arte-educação. O domínio do conteúdo proporciona maior segurança diante dos alunos. Dominar o conteúdo é, também, questão de respeito ao aluno.

O planejamento bem feito, com conteúdo, diretrizes de ação e uma boa bibliografia, possibilita ao professor uma aula consistente e que proporcione fazer conexões e interligações com outras disciplinas e conteúdos intra ou extra-escolar. Permite, ainda, relacionar fatos e aspectos da cidade e da própria comunidade dos alunos. O planejamento, neste sentido, deve

vislumbrar um replanejamento, mudanças de direção, sobretudo porque a sala de aula é um cenário real de novas ressignificações e criações.

O maior desafio da experiência, identificamos, era manter um mínimo de silêncio das crianças durante as aulas e, sobretudo, compreender todo aquele cenário. Não se esperava, nem se queria um silêncio absoluto, mas era preciso se fazer ouvir, ouvir o que o colega ao lado tinha a dizer!

A sala de aula se transformava, em verdade, num ringue, um campo de batalha: *Professor (estagiárias) x 35 alunos* (em média). Pelo número e, apesar de mais velhas, estávamos estagiárias/professora em desvantagem. O resultado: um festival de gritaria ensurdecedor. O ambiente que deveria ser de integração, de construção e prazer é virado do avesso e a consequência é estressante e insatisfatória para ambos os lados.

Assim, o melhor dos planejamentos e o professor mais bem preparado e criativo são nocauteados e todos saem prejudicados. É preciso ainda destacar que o pouco tempo destinado às aulas (são duas aulas semanais de 50 minutos cada) e ao estágio em geral (34 horas) dificultou desenvolver uma “cultura” de que aquele momento exigia um mínimo de *concentração, dedicação e respeito de ambos os lados*.

Sobre esse enfoque, Marilda de Oliveira foi bastante feliz ao admitir que “não é qualquer um que pode ser professor.” Ela cita Nias (Nóvoa, 1995, p.45) que diz que “o professor é uma pessoa e parte dessa pessoa é professor” para observar a seguir que “na identidade docente estão presentes os conceitos, as relações que o professor estabelece com sua área de conhecimento, sua leitura de mundo, sua ética profissional e o valor que dá a sua profissão de professor e esta identidade é única, intransferível, não traduzível.” (2005, p. 511). Traduzindo: é preciso obstinação para seguir adiante!

ABRINDO JANELAS: O educador e escritor Eugenio Mussak ensina que nas escolas e nos lares, em todo o mundo, encontramos professores e pais que são apertadores de foles e professores e pais que são abridores de janelas. Segundo diz, apertar o fole significa tentar introduzir conceitos, conhecimentos e comportamentos à força, considerando o aluno, ou o filho, um menor incapaz de perceber, compreender e aprender. Que precisa, por ser assim, um inválido intelectual, do esforço do outro, do adulto, do sábio, que é arrogante em sua superioridade do saber.

“Abrir a Janela”, explica o autor, significa confiar no potencial do menino em aprender por seus próprios meios, valendo-se de sua natureza humana. “Significa não atrapalhar e, quando muito, facilitar. Pais e mestres são facilitadores da aprendizagem, não inoculadores de idéias.” (Mussak, 2007) págs. 60 e 61. O texto de Eugenio Mussak ajudou-nos a descobrir caminhos e a fazer novas reflexões. Consideramos, assim, que em momentos de nosso estágio fomos verdadeiras ABRIDORAS DE JANELAS, em todos os sentidos!

Este abrir de janelas esteve presente em vários momentos e atividades desenvolvidas no estágio: nos momentos em que os colocamos diante da apreciação de uma obra de arte; na contextualização e em momentos onde proporcionamos o fazer arte. Em todas estas instâncias, mesmo com as adversidades apresentadas pela realidade escolar, buscamos formas de preservar a fala de cada um, os diferentes pontos de vista dos alunos, isto é, a possibilidade de aprender a partir daquilo que ele já sabia, dos saberes que traziam a respeito da cidade, da arte e de si mesmos.

Percebemos claramente a possibilidade de sermos **abridoras de janelas** numa das atividades desenvolvidas com as turmas. A atividade consistiu na pintura de pequenos vasos em cerâmica com giz de cera, atividade precedida do conteúdo sobre Arte Grega. A pintura foi realizada fora da sala de aula, no pátio da escola, sobre duas mesas normalmente utilizadas para se jogar tênis. A escola não possui uma sala destinada somente às atividades de artes.

Pelos rostos felizes e descontraídos das crianças era possível “ler” que **é preciso deixar o ar fluir!** No nosso caso isso significou sair daquele local (a sala de aula) conhecido, apertado, calorento, sem novidade! A participação foi plena, coisa difícil de conseguir em dias normais! Foi bonita a contribuição com os materiais trazidos de casa como jornal, lã de aço, giz de cera. Foi gratificante perceber a atenção nas explicações e concentração na execução (era preciso terminar a atividade nos 50 minutos da aula!); e, também, a solidariedade com os colegas na divisão de pincéis, lápis e potes de nanquim coletivos. Resultado: trabalho concluído, todos saem com seus vasinhos pintados e com alguma finalidade que cada um ia determinando como foram revelando: “Vou dar pra minha mãe!”, “Vou transformar em porta-celular”, e assim por diante. Numa simples e rápida avaliação das nossas aulas que pedimos que fizessem, a **ABERTURA DA JANELA** ficou, em diversas falas, registrada como transcrevemos a seguir:

“O que eu achei legal nas aulas das estagiárias é nós irmos lá fora para fazer vazinhos de cerâmica.” (não se identificou)

“Gostei de fazer os vazinhos de cerâmica.”
Letícia Mariani, no. 25/6ª. D

“As aulas foram muito legais. Eu como adoro artes foi muito legal mexer com vasos de cerâmica.” Kauani Nogueira da Silva, no. 16. 6ª. C

“Eu gostei de tudo, principalmente da pintura no vaso.” 6ª. D (não se identificou)

Conclusão

Ao realizar esta investigação no espaço e tempo do estágio obrigatório no Curso de Educação Artística/Arte Visual, pudemos perceber a importância do registro neste processo de aprendizagem e formação. Assim, podemos dizer que é através do registro que fica evidenciada nossa atuação enquanto sujeitos históricos de um processo, capazes de interferir, recriar, trazer novos significados e não sermos meros cumpridores de horários, tentando se livrar da “carga” do estágio curricular.

Acreditamos que os resultados desta investigação seja inspiradores de novas descobertas e indicadores para que possamos atuar enquanto professores mediadores entre o conhecimento e a realidade da sala de aula, transformando o espaço escolar num *tempo/lugar* onde possamos exercitar a nossa práxis docente por meio de uma ação refletida, onde esteja presente a teoria e prática, de forma indissociável. Outro ponto que destacamos é a necessidade de revisitarmos os nossos propósitos, nossos planejamentos, uma vez que a cada aula e cada turma são únicas, portanto faz-se necessário redimensionar o planejamento a cada encontro.

Constatamos a importância e diferença que fazem perceber e contextualizar os saberes trazidos pelos alunos no ato de planejar, uma vez que precisamos saber aquilo que trazem para somarmos com o que a escola pode sistematizar na construção de novos conhecimentos como nos alerta Tardif, citado por Marilda de Oliveira: “Ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade e ultrapassá-la.” (P. 508). Foi esta possibilidade que pudemos verificar no decorrer das aulas. Aprendemos que nosso papel na escola, como ensina a professora, visa mudanças porque nossa atuação nos permite ver além das aulas de artes e, assim, colher

argumentos para apontar falhas, insuficiências e, também, agregar saberes aos projetos e, assim, realizarmos ações bem sucedidas na educação.

Observamos, também, a necessidade organizar a transposição didática, pois não basta saber aquilo que vamos aprendendo e construindo na universidade, na nossa formação inicial. É preciso refletir sobre o que sabemos, o espaço e o público alvo com o qual estaremos envolvidos, e assim, organizar os conteúdos e estratégias tendo como foco este público.

Destacamos, ainda, que mesmo com as adversidades e desafios que a escola nos mostra no mundo contemporâneo, cabe ao professor pensar nas estratégias possíveis e viáveis para um ensino/aprendizagem da arte com qualidade, o que pudemos perceber nas falas dos alunos quando se referiram a atividade de pintura dos vasos que desenvolvemos no espaço aberto da escola. Pudemos ver, por fim, que é possível **abrir as janelas**, e enxergar um outro **mundo da educação** possível, além daquilo que muitas vezes, de forma preconceituosa, acreditamos não ser possível e nem viável realizar no espaço da escola que é um encontro e a construção de conhecimento de forma significativa, por professor e alunos.

Referências

FREIRE, Madalena. Observação, Registro, Reflexão – Instrumentos Metodológicos. PND – Produções Gráficas Ltda. 2ª. Ed. 1996.

LIMA, Maria do Socorro Lucena Lima. A hora da Prática – Reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente. Edições Demócrito Rocha. 2ª. Edição.

OLIVEIRA, Marilda O. de. Cultura Visual e desafios da pesquisa em artes. Organizadores: Alice Fátima Martins. Luis Edegar Costa, Rosana Monteiro. Goiânia: ANPAP, 2005. 2º. V.

SUZUKI, Eduardo H. Aspectos físicos das escolas estaduais em Londrina – PR. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo/USP. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/FAU. Pós-graduação em Estruturas Ambientais e Urbanas. São Paulo: 2000.

Periódico:

Revista Vida Simples. Abril, 2007.

Sites:

www.funart.gov.br

www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/